

SEIXAS, Rebecka Carocha; SILVA, Maria Eduarda Oliveira Félix. **A dualidade do sujeito na obra *À saída do teatro depois da representação de uma nova comédia***. Natal: Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Depto e Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte; Docente; Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte PROPI. Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte; Discente;

RESUMO: O presente artigo busca analisar a questão do duplo na obra *À saída do teatro depois da representação de uma nova comédia* (1842), do dramaturgo russo Nikolai Gógol. O objetivo do estudo consiste na elaboração de parâmetros que revelem de que modo este jogo de dualidade se relaciona com elementos metadramatúrgicos. Essa investigação ainda está em andamento, todavia, as nossas análises apontam traços do duplo nesta obra metadramatúrgica.

PALAVRAS CHAVE: Duplo, Metadramaturgia, Nikolai Gógol.

ABSTRACT: The present article seeks to analyze the theme of the double in the work *Leaving the theater after the performance of a new comedy* (1842) by the russian playwright Nikolai Gogol. The aim of the study is to develop parameters that reveal how this duality game relates to metadramaturgical elements. This research is still in progress, however, our analyzes conclude that the double is configured in this metadramaturgical work, since the dialogues developed deal with the importance of theatrical art and the characters of the work are the reflexes of the double of its author.

KEYWORDS: Double, Metadramaturgy, Nikolai Gógol.

A obra dramatúrgica *À saída do teatro depois da representação de uma nova comédia* foi publicada em 1842, como uma forma de resposta e reflexão de Nikolai Gógol, mediante as críticas que a sua primeira peça, publicada anteriormente, *O inspetor geral* (1836), sofreu. Este estudo pretende analisar a referida obra, em conjunto com a biografia do autor e o contexto histórico em que ela foi produzida, visando a obtenção de aspectos que relacionem os elementos metadramatúrgicos da comédia estudada com o conceito de duplo. O principal desafio para a execução desta pesquisa foi a ausência de estudos brasileiros acerca do tema estudado, contudo temos como base da nossa pesquisa os estudos de autores como: Arlete Cavaliere (2009) e Otto Rank (2013).

O desenvolvimento deste estudo, torna-se importante para a academia principalmente nos trabalhos relacionados ao teatro e a literatura, posto que, o conjunto das obras dramáticas de Gógol foram traduzidas para a língua portuguesa apenas em 2009 pela professora Cavaliere (2009) e, no Brasil, existem poucas pesquisas relacionadas a esse escritor e a sua obra, contribuindo assim para o avanço das investigações sobre o tema desta pesquisa.

Para a averiguação da relação entre a metadramaturgia e o conceito de duplo na obra *À saída do teatro* depois da representação de uma nova comédia, esta pesquisa se alicerçou na análise interpretativa da referida peça, traduzida do russo para o português por Cavaliere (2009), bem como o estudo doutoral de Rebeka Seixas (2016), além de Haroldo Campos (1992) Catarina Sant'anna (2012) com suas discussões sobre metalinguagem, que embasaram o desenvolvimento do conceito de metadramaturgia. No que se refere a noção de duplo, as pesquisas de Otto Rank (2013), Maurício Menon (2009) e Selma Rodrigues (1988) formaram a base dos nossos estudos, até a fase atual da pesquisa.

NIKOLAI GÓGOL, UM POETA RUSSO EM CRISE

A Rússia no século XIX estava passando por diversos acontecimentos sociopolíticos, como por exemplo, a Revolução Industrial, o surgimento do proletariado e a propagação de ideais socialistas. Esses fatores, causaram reflexos em toda sociedade e consequentemente ocasionaram transformações na literatura e nas artes de maneira geral.

Nesse período, os autores não tinham a total liberdade para a produção de seus escritos, uma vez que estavam submetidos às restrições do governo czarista, que entendia que a literatura deveria existir apenas para enaltecer o Estado. Além disso, os escritores também eram subjugados à crítica da época, que considerava uma boa obra, apenas aquela que apresentasse abordagem políticas e sociais, onde o dramaturgo deveria falar em nome do povo e para o povo. Essas duas esferas eram tão autoritárias, que exilaram o poeta Alexandr Puchkin, por considerar que suas obras

apresentavam temas mais abstratos, afirmando que elas eram tolas e insignificantes para a sociedade.

Nikolai Gógol escreveu em 1836, *O inspetor geral*, sua primeira e mais célebre obra dramática. A narrativa retrata uma pequena cidade russa, onde se espalhou a história da chegada de um inspetor que vinha de São Petersburgo, capital do país, para investigar e analisar como estava aquela província. Diante desse boato, o prefeito e todos os aristocratas da alta sociedade, se prepararam para a chegada deste homem, maquiando todos os órgãos públicos e os serviços mal prestados que existiam na cidade. Neste momento, chega à província um farsante que é confundido com o inspetor e, ao perceber que está recebendo um tratamento especial por acreditarem que ele é um funcionário do governo, começa a beneficiar-se dessa situação para tomar dinheiro e benefícios do prefeito e de seus respectivos funcionários.

O inspetor geral causou uma grande repercussão na Rússia, as pessoas acreditaram que a peça assistida fazia inúmeras ofensas a toda sociedade do país. No entanto, segundo Cavaliere (2009), o autor não tinha essa intenção, queria apenas criticar as corrupções que existiam em todas as sociedades e rir delas, visto que o homem é corrupto e as suas atitudes se refletem no meio em que o vive. Sobre a obra Nabokov afirma:

[...] O Inspetor Geral e seu romance *Almas Mortas* são produtos de sua fantasia, de pesadelos particulares, habitados por seus próprios e incomparáveis seres imaginários. Não são nem poderiam ser uma imagem da Rússia de seu tempo porque, além de outras razões, ele praticamente não conhecia o país; na verdade ele não foi capaz de escrever a continuação de *Almas Mortas* por não possuir informações suficientes e pela impossibilidade de usar as criaturinhas de sua imaginação para produzir uma obra realista que pudesse contribuir para aprimorar os padrões morais da Rússia (NABOKOV, 2014, p. 31).

Depreende-se que, Gógol ao escrever, não tinha como objetivo principal o julgamento da sociedade russa, mas sim, satirizar, por meio dos personagens criados por sua imaginação, a corrupção e as maldades que o homem seria capaz de cometer em seu próprio benefício. Além disso, o autor não tinha muitos conhecimentos sobre o seu país ao ponto de escrever uma obra que denuncia o seu regime e sociedade de uma maneira tão incisiva. Sobre a obra, Cavaliere (2009) afirma: “Os conservadores viam ali uma calúnia

e uma propaganda perigosa. Por outro lado, os liberais consideravam-na um fiel retrato da realidade nos tempos difíceis sob as ordens de Nikolai I” (p. 19). Essa situação causa indignação no dramaturgo, pois estava sendo considerado traidor de seu país por um grupo, e revolucionário por outro.

Diante de toda a polêmica da obra, o autor decide explicar o verdadeiro sentido da peça representada e escreve *À saída do teatro* depois da representação de uma nova comédia (1842), onde destaca a importância da arte teatral e do exercício do dramaturgo. Neste sentido, podemos afirmar a presença da metadramaturgia nessa obra, aspecto este que, será definido e analisado a seguir.

O DUPLO E A METADRAMATURGIA NA OBRA DE NIKOLAI GÓGOL

A obra dramaturgica *À saída do teatro* depois da representação de uma nova comédia (1842) retrata os comentários dos espectadores no saguão do teatro, após assistirem *O inspetor geral*, onde o personagem principal, “O autor da peça”, escuta discretamente, diversas impressões sobre a peça teatral assistida, sendo negativa, a maioria das opiniões. O desenrolar na trama se dá através das reações desse personagem, mediante as profundas críticas que a sua peça teatral sofreu.

Segundo Seixas (2016), “Um dos primeiros pontos a serem analisados da peça é o título *À saída do teatro*, que já exprime a ideia de lugar, ou seja, o hall e que todos acabaram de assistir a uma nova comédia, ou seja, se trata da estreia de um espetáculo” (p. 143). Assim, podemos concluir que o primeiro elemento metadramatúrgico da comédia estudada, é o título, uma vez que denuncia ao leitor sobre o que a peça trará, sendo uma espécie de rubrica. Nele, já se mostra ao leitor onde ocorre e qual o gênero da peça. Além de indicar um acontecimento, contribui para a formação de uma imagem da peça, na mente do espectador, antes mesmo de assisti-la.

É importante destacar que na referida obra, os personagens não possuem nome próprio, mas são caracterizados mediante as suas roupas e classe social, como por exemplo: “Uma dama da sociedade”, “O primeiro oficial”, “O homem trajado muito modestamente” “O civil” e “O senhor bonito e

robusto". O autor também utiliza nomenclaturas como: "Senhor A", "Senhor B", "Senhor C" de modo a diferenciar os personagens.

O texto dramatúrgico se inicia com o monólogo do personagem "O autor da peça", ele afirma que o seu coração palpitaria a alguns anos, mediante aos aplausos, porém não é mais o prestígio de seus espectadores que naquele momento o deixaria contente, mas ficaria muito feliz se tivesse o poder de saber a opinião das pessoas antes delas conversarem e serem influenciadas umas pelas outras. Sobre as críticas as suas obras, esse personagem diz:

Todas as outras obras e gêneros estão sujeitos ao julgamento de uns poucos. Um autor de comédias está sujeito ao julgamento de todos; sobre ele qualquer espectador tem direitos, qualquer desclassificado se põe logo a julgá-lo. Oh! Como eu gostaria que me mostrassem todos os meus defeitos e vícios (GÓGOL, 2009, p. 335).

Compreende-se que o dramaturgo, fica muito incomodado diante dos julgamentos da sociedade acerca das suas obras, ele acredita que a maioria das pessoas que criticam as suas peças não possuem qualificação para tal feito, mostrando indignação diante desse fato. "O autor da peça" decide esconder-se no hall de entrada para escutar as opiniões das pessoas. No primeiro momento, os comentários não são maldosos e poucos são relacionados a peça assistida. Com o passar do tempo, mais pessoas saem do teatro, e conseqüentemente diversas teses e questões sobre a dramaturgia, são levantadas. Em algumas conversas, aconteceram mudanças repentinas de opiniões, por parte de alguns personagens. Esse acontecimento se deve a eles sempre esperarem a visão da crítica e dos nobres, passando a ter a mesma opinião que escutaram e tornando-a como a verdade absoluta. Em relação a esse acontecimento, pode-se tomar como exemplo, o diálogo entre o "O homem desconhecido" e "O literato":

HOMEM DESCONHECIDO

Não posso julgar quanto à qualidade literária, mas me parece ser algo original. Espirituoso, espirituoso.

O LITERATO

Perdão, mas espirituoso em quê? E quanto ao rebanho de tipos vulgares, e quanto ao tom usado? Gracejos bem inconvenientes, isso sim. E até mesmo uma indecência.

O HOMEM DESCONHECIDO

Ah, aí é outra coisa. Eu já disse que quanto ao mérito literário não posso julgar; observo apenas que é uma peça engraçada, e que foi um prazer assisti-la.

O LITERATO

Mas ela não é nada engraçada! Seria engraçada em quê? Que tipo de prazer ela proporciona? O argumento é inverossímil. São absurdos atrás de absurdos. Não há trama, nem ação, nem sequer qualquer reflexão.

O HOMEM DESCONHECIDO

Vá lá, quanto a isso eu não digo nada. No sentido literário, no sentido literário ela não é engraçada; mas no aspecto, digamos, externo, ela tem...

O LITERATO

Ela tem o quê? Ora, nem mesmo isso ela tem! E quanto a linguagem usada nos diálogos? Quemalaria desse jeito em alta sociedade? Diga-me, falamos entre nós desse jeito?

O HOMEM DESCONHECIDO

É verdade, isso você observou bem. Eu mesmo pensei assim: não há grandeza nos diálogos. Todas as personagens parecem não poder dissimular sua má índole. Isso é verdade.

O LITERATO

Veja só, e você ainda elogia!

O HOMEM DESCONHECIDO

Quem está elogiando? Eu não estou elogiando. Agora também vejo o quanto a peça é uma estupidez. O problema é que assim, de repente, é impossível saber; eu não posso julgar do ponto de vista literário (GÓGOL, 2009, p. 339-340).

No diálogo acima, pode-se perceber que “O homem desconhecido”, no início da conversa com “O Literato”, achou a comédia muito engraçada e ficou empolgado em assisti-la, porém, com o desenrolar da conversa, o outro personagem tenta convence-lo de todas as formas e utiliza a sua intelectualidade para inibi-lo e provar que o seu companheiro de conversa está errado. Devido a esses fatores, ocorre uma mudança repentina de opinião por parte do personagem “O homem desconhecido”, que passou a concordar totalmente com “O literato”.

No decorrer da narrativa, diversas personagens tinham comentários negativos em relação à peça assistida, principalmente os aristocratas e pessoas influentes na sociedade. Personagens como “O literato”, “Mais um literato”, “Uma dama da sociedade”, tinham o discurso de que a dramaturgia era vulgar, sendo uma afronta a sociedade russa, para eles, tais acontecimentos representados jamais aconteceram na vida real, sendo o escritor um farsante. Pode-se observar tal afirmação na fala do personagem

“Mais um literato”, quando ele conta a várias pessoas a sua opinião sobre a peça:

MAIS UM LITERATO

Creiam em mim, disso eu entendo: a peça é abominável! É uma obra suja, imunda! Nenhuma personagem é verdadeira, são todas caricaturas! Na vida real não é assim. Não, acreditem, eu sou o melhor para falar desse assunto: sou um literato (GÓGOL, 2009, p. 340).

Diante da citação acima, percebem-se as pesadas críticas que a peça *O Inspetor Geral* sofria após ser encenada, e como os literatos tinham influência sob as pessoas, uma vez que diversas personagens pararam para escutar a sua opinião, constata-se ainda a arrogância de “Mais um literato”, quando ele afirma que é o melhor para falar desse assunto, por ser um literato.

Na sequência, entram em cena os personagens “O primeiro”, “O segundo” e posteriormente “O terceiro”, “O quarto” e “Um quinto”. Eles discutem sobre o enredo da peça. “O primeiro” afirma que a peça não tem enredo, sendo contrariado pelo “O segundo”, dizendo que não é porque a dramaturgia não possui caráter romântico, que a peça não possui enredo, visto que os tempos mudaram e que naquele momento o que era mais forte em um enredo era a vontade de conquistar uma posição de destaque e brilhar, sendo a posição social, um grande capital e um casamento lucrativo mais importante que o amor. Nessa cena, podem-se perceber elementos diretamente metadramatúrgicos, uma vez que os personagens discutem como seria o modelo de comédia e abordam como tema o enredo da obra dramatúrgica *O Inspetor Geral* (1836).

A obra dramatúrgica estudada, termina com o monólogo do personagem “O autor da peça”, onde o mesmo, após escutar todas as opiniões das pessoas, se sente frustrado e indignado diante de tais absurdos ditos por elas. Além disso, dá uma aula sobre a dramaturgia, mais especificamente sobre a comédia, afirmando que ninguém percebeu o personagem principal, uma personagem honrada, e a coisa mais bonita que existia no texto: o riso. Sobre o riso, “O autor da peça” afirma:

O riso é muito mais profundo e significativo do que eles pensam. Não aquele riso que nasce da irritabilidade passageira ou de um caráter colérico e doentio. Nem o riso leve, que serve para a vã distração e para o divertimento das pessoas. O riso de que falo é o que nasce da profunda natureza humana. Nasce dela, porque é no fundo da natureza humana que está a fonte que faz fluir os temas mais profundos. (...) É injusto

que digam que o riso não age contra aqueles com os quais se lança, e que o canalha será o primeiro a rir dos canalhas iguais a ele, representados no palco. Aquele que já foi um trapaceiro no passado poderá rir, mas aquele que o é hoje não terá forças para isso! Ele saberá que essa personagem que o representa ficará gravada na memória de todos, e que bastará ele cometer uma ação vil para que o apelidem com o nome dela (GÓGOL, 2009, p. 376).

Observa-se na citação que, para Gógol, o riso não era tratado com a devida atenção pela sociedade, sendo visto apenas como um meio de diversão e entretenimento. Para o autor, o riso deve ser levado mais a sério e ser mais valorizado, uma vez que ele nasce da natureza humana e causa a reflexão sobre diversos temas da sociedade, ridicularizando os defeitos do homem, causando constrangimento naqueles que são trapaceiros ou que causam males a alguém.

Através da análise da obra *À saída do teatro*¹, observamos que durante os diálogos entre os espectadores, estes que vão desde personagens pobres de trajes modestos à nobres literatos que possuíam muito conhecimento sobre a dramaturgia, são feitos recortes de diversas histórias de corrupção, arrogância e honestidade. Nessas discussões, sobre a importância e os defeitos de *O inspetor geral*, mesmo que o dramaturgo não se insira como personagem, percebemos que em *À saída do teatro* há a presença do duplo de Gógol, que demonstra a sua visão sobre a vida e o teatro por meio de seus personagens, onde ele ora concorda e se impõe e ora se esconde e fica ansioso, mediante as críticas que a sua obra sofreu.

Sobre as formas de representação do duplo numa obra, Selma Rodrigues, no seu livro *O fantástico* (1988) afirma:

Variam as formas de representação do duplo, temos personagens que além de semelhantes fisicamente (ou iguais), tem sua relação acentuada por processos mentais que saltam de um para o outro (telepatia) de modo que um possui conhecimentos e experiências em comum com o outro. Ou o sujeito identifica-se de tal modo com outra pessoa que fica em dúvida sobre quem é o seu eu [...] ou há o retorno de repetição das mesmas vicissitudes e dos mesmos nomes através de gerações [...] ou ainda, um mesmo eu, desdobra-se em pessoas distintas e opostas (RODRIGUES, 1988, p. 44).

Depreende-se que existem diversas formas em que a questão do duplo pode demonstra-se na obra. Neste artigo, não analisaremos essa dualidade do

¹ Para uma melhor dinâmica no artigo, substituímos o título “À saída do teatro depois da representação de uma nova comédia, por “À saída do teatro”, essa abreviação acontecerá em todo o estudo.

sujeito em um personagem em específico, uma vez que consideramos como a protagonista da obra, a opinião do Gógol, onde seus sentimentos, sombras e angústias são mostrados ao leitor através dos personagens. Otto Rank no livro *O duplo, um estudo psicanalítico* (2013), de modo metafórico, apresenta a dualidade do sujeito como a imagem de uma pessoa refletida no espelho, afirmando que no reflexo, há o mesmo indivíduo, porém, com sentidos opostos ao que se reflete. Trazendo essa metáfora para a literatura, podemos concluir que o duplo, segundo Rank, se configura quando personagens possuem traços em comum, porém os demonstram de maneiras diferentes. ‘

Maurício Menon, no artigo *A questão do duplo em duas literaturas brasileiras*, afirma que “Uma das marcas impressas do duplo é o antagonismo, que pode se cristalizar sob o fato do belo/horrível, do bem/do mal, do racional/selvagem, do equilibrado/louco” (2009, p.732). No que se refere a obra de Gógol, a ambivalência desse autor melhor se configura, segundo as nossas pesquisas, como sensatez/desespero.

Aliando os estudos e conceitos dos autores citados anteriormente, com a análise da obra, podemos concluir que, o antagonismo de ideias do dramaturgo se mostra nos personagens “O homem trajado muito modestamente” e “O autor da peça”. Os dois apresentam ideias sobre um novo ideal do teatro e a função do dramaturgo, porém o primeiro demonstra as suas opiniões de um modo sensato. Já o segundo, encontra-se desesperado para que as pessoas pudessem ouvir o que ele tinha para dizer.

Sobre a ambivalência de manifesto de opiniões desses dois personagens, pode-se contatar nas seguintes citações, onde o autor demonstra as suas opiniões sobre as críticas a sua obra e sobre a importância do riso, afirma:

O HOMEM TRAJADO MUITO MODESTAMENTE

[...] Nela, parece que há uma forte e profunda exposição da hipocrisia do riso, sob a máscara da decência estão a baixeza e a infâmia, o homem de bem é um farsante fazendo caretas (GÓGOL, 2009, p.346).

O personagem "O homem trajado muito modestamente" demonstra o sentimento de sensatez e segurança em sua fala, mostra a mesma opinião,

porém há um contraste na forma de demonstração do seu ponto de vista, em relação ao personagem " O autor da peça", que diz:

O AUTOR DA PEÇA

[...] O riso de que falo é o que nasce da profunda natureza humana. Nasce dela, porque é no fundo da natureza humana que está a fonte que faz fluir os temas mais profundos. [...] Muitas coisas deixariam o homem indignado se não fossem retratadas sem disfarces. Mas o poder do riso torna a alma mais serena (GÓGOL, 2009, p. 376).

Compreende-se que os dois personagens discorrem sobre o mesmo tema, todavia apresentam abordagens diferentes, pois são reflexos do duplo de Gógol. Em uma mesma obra o dramaturgo mostra ao leitor dois lados de si mesmo. Essa ambivalência de comportamentos de personagens, que refletem as opiniões e frustrações do próprio autor, comprovam a existência do duplo na obra *À saída do teatro*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todos os aspectos retratados neste artigo, fica evidente a relação entre a dualidade do sujeito e a metadramaturgia na obra estudada, posto que por meio dos elementos metadramatúrgicos, como por exemplo, o autor evidenciar a importância da arte teatral e principalmente a função e o exercício do dramaturgo, ele por meio dos personagens desta obra, refletem em seus personagens as suas opiniões e sentimentos, demonstrados de diferentes modos. Dessa forma, podemos concluir preliminarmente que a noção de duplo está presente em *À saída do teatro* e que se relaciona, de modo muito singular, com o conceito de metadramaturgia na obra gogoliana.

Referências Bibliográficas

- CAMPOS, Haroldo. **Metalinguagem e outras metas**: ensaios de teoria e crítica literária. São Paulo: perspectiva, 1992.
- CAVALIERE, Arlete. **O teatro**: tradição e modernidade, In: Nikolai Gógol: teatro completo. São Paulo: Ed, 2009.
- GÓGOL, N. **Nikolai Gogol**: teatro completo. Organização, tradução, prefácio e notas de arlete cavaliere. São Paulo: ed. 34, 2009.
- MENON, Maurício Cesar. **A questão do duplo em duas narrativas brasileiras**. In: Celli - colóquio de estudos linguísticos e literários. 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p. 732-739.

NABOKOV, Vladimir. **Lições de literatura russa**. Tradução Jorio Dauster. São Paulo: três estrelas, 2014.

RANK, Otto. **O duplo**: um estudo psicanalítico. Trad. Érica Sofia Luisa Foerthmann Schultz et al. Porto Alegre: dublinense, 2013.

RODRIGUES, Selma S. **O fantástico**. Séries princípios. São Paulo: ática, 1998.

SANT'ANNA, Catarina. **Metalinguagem e teatro**: a obra de Jorge Andrade. São Paulo: Perspectiva, 2012.

SANTOS, A.; soares, m. **Pesadelo de um jovem ou delírio de um velho?** Uma análise de “o falecido Mr. Elvisham”, de H.G. Will. Monada: letras, em revista, n. 27, vol 2. Setembro de 2016. Pp. 47-63.

SEIXAS, R. C. **Metadramaturgia e escrita performática na obra dramática de Nikolai Gógol**. 2016. 463 p. Dissertação (doutorado em leitura comparada) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte UFRN - Natal, 2016.